

Q U A L Q U E R

EM PREPARAÇÃO C A S A

Grav. em madeira de JOÃO ALBERTO

tivessem saído. Ao passar por êle, Lèlita lançou-lhe um olhar de desespero e ódio: Tinha a certeza de ir ver um daqueles seus risos que irrompiam como a tal mola perigosa salta. Mas o riso do *Caveira* era agora uma simples sombra fugindo aos cantos da bôca cerrada; e os seus olhos olhavam-no — cousa curiosa! — também com desespero mas sem ódio: antes com uma espécie de ternura selvagem. Lèlita pensou: «Mas que tenho eu? que lhes fiz eu? porque me odeiam?» E em virtude da sua indignação e do seu próprio desânimo, pensou ainda, várias vezes, com força, auto-sugestionando-se no sentido de resistir à ordem dos colegas: «Pois não farei o discurso! não farei o discurso! não farei o discurso!» Um grande alívio lhe sobreveio, a-pesar-de o inquietar ainda o receio das conseqüências. As conseqüências não se fizeram esperar:

— És um *gajo* de linha! — disse Pedro Sarapintado sacudindo-o levemente pelo ombro; o que tanto podia ser nêle um aplauso, uma carícia (e era agora o caso) como uma manifestação de desprezo — És um *gajo* de linha! Assim é que êles se ensinam!

Referia-se à atitude de Lèlita perante o *Caveira*. Olhou-o quasi com admiração, em todo o caso com uma curiosidade que pela primeira vez lhe concedia, e sem deixar de lhe apertar o ombro na sua bela mão comprida e larga. Estavam debaixo das árvores, junto dum dos bancos de pedra. Vinham-se aproximando alguns outros.

— E então?... Vamos a êsse discurso?

Uma nuvem desceu sobre o espirito de Lèlita. Com um esforço, Lèlita ergueu os olhos para Pedro. Lèlita começava a simpatizar de-verdade com a franqueza, a espontaneidade, a bonomia e a própria cara sardenta de Pedro Sarapintado. Doía-lhe ter de o contradizer; sobretudo depois do principio de estima que Pedro acabava de lhe testemunhar, por êsses pequenos meios indirectos, mas sensíveis e gratos a uma pessoa como Lèlita, que Pedro achava para testemunhar a sua estima. Com uma voz que involuntariamente lhe saiu suplicante e quasi imperceptível, Lèlita murmurou:

— Não. Não sou capaz de fazer um discurso...

Mas Pedro chamava os outros e nem o ouviu. Lèlita achou-se rodeado de colegas e algazarra, depois erguido ao ar, pôsto em cima do banco de pedra. Como através duma névoa que o isolasse, deixando-o, ao mesmo tempo, num outro mundo e perto dêste, via levantados para êle, de baixo, os glóbulos brancos dos olhos de *Cabeça de Graixa*, a face verde e o grosso lábio sarcástico do Adélio, a testa amarfanhada do mulato, o nariz sardento de Pedro Sarapintado, e outras caras ou fragmentos de caras já conhecidas... Invadiu-o, então, uma angústia que simultaneamente lhe parecia insuportável e invencível. Onde estava êle? que iria succeder? que palavras saíriam da sua bôca? E desejara êle próprio esta vida infernal do colégio! Abriu a bôca, num movimento instintivo para respirar a fundo... Nenhuma palavra lhe saía da bôca. Os seus olhos estavam espantados no vago. As pernas começavam a derreter-se-lhe, um arrefecimento lhe atravessou a testa e escorreu pelas fontes, pelas faces, embrulhavam-se em baixo tôdas as caras conhecidas... No cúmulo da angústia começa a libertação. Lèlita ia cair nos braços dos seus algozes.

— Mas fale! Estamos à espera... — ordenou de baixo a voz escarminha do Adélio.

E foi o que o salvou. Lèlita tornou a ver quasi distintamente os glóbulos reboludos dos olhos de *Cabeça de Graixa*, a face verde e o grosso lábio sarcástico do Adélio, a testa amarfanhada do mulato, o nariz sardento de Pedro

Sarapintado... Afinal, a sua angústia devera ter passado quasi imperceptível; e não durara ainda senão um segundo.

— «Prezados ouvintes!...» — disse Lèlita começando a falar com grande pasmo de si próprio — «De certo, não sou eu possuidor da ciência necessária para avisadamente dispor nas tábuas zoológicas...»

— Não se ouve nada! Fale mais alto! — ordenou outra vez a voz escarminha do Adélio.

De facto, as palavras decoradas de Lèlita saíam-lhe numa voz sem som; e ditas dum modo tão mecânico, tão vazio de intenção, que pareciam alheias àquele próprio que as dizia. Era o que as tornava ainda mais indistinguíveis. Lèlita fez um esforço para levantar a voz:

—... «os excêntricos bichos de que me dáis a honra de falar. Todavia...»

E agora? Não decorara senão isto. «Jesus!» — pensou como quem grita — «e agora?» O que previra succedia: A inspiração de momento faltava-lhe inteiramente. A sua imaginação era um vácuo.

—... «Todavia...»

¿Pois não previra êle que os seus gestos seriam forçados, as suas palavras titubeantes, a sua voz branca, o seu rosto agoniado...? ¿Não previra que se afundaria em angústia e ridículo? E tê-lo previsto dava ao que lhe succedia uma força de fatalidade: tornava-o completamente incapaz de auto-domínio. Os seus olhos desviados procuravam nem êle sabia o quê no bando dos seus ouvintes.

—... «Todavia...»

Um longo riso áspero e como cacarejado rompeu, primeiro tímido, mais ousado à medida que se afirmava irreprimível, do rancho voltado para êle: O *Cabeça de Graixa* ria. E logo outras gargalhadas juvenis esfusiaram de outros pontos, o riso contagiava todo o auditório como um fogo correndo veloz na erva seca. Então, os olhos de Lèlita encontraram para lá do semi-círculo irregular dos seus espectadores o *Caveira* que assistia de longe. A pouca luz já não permitia distinguir-lhe a cara. Mas sem o ver, Lèlita viu o seu riso mudo sobre as falsas gengivas.

— Não faço discursos! — gritou êle com a voz súbito vibrante — Sou incapaz de fazer um discurso...

E às cegas, atirou-se do banco. Um reboliço de escândalo se ateava à sua volta. Lèlita viu-se fechado num cinto, cada vez mais estreito, de mãos e rostos indignados: Aparecer um *novo* que dêste modo resistisse às praxes do recreio dos maiores do *Colégio Exemplar* era caso único. Pedro Sarapintado afastou os companheiros, chegou-se a Lèlita, e deitou-lhe as mãos aos ombros:

— ¿Que é lá isso? Estás doido? Deve-se resistir aos *gajos*...!, — fez um leve sinal de cabeça para o edificio do colégio — mas acatar os costumes dos camaradas! Senão é uma provocação...

O seu rosto tinha um ar grave. Pedro Sarapintado falava a sério. Sem lhe retirar as mãos dos seus ombros, Lèlita segurou-lhe os pulsos olhando-o de perto, nos olhos, com amizade:

— Eu tinha vontade de falar... — disse baixo, só para êle — mas foi-me impossível! E-me impossível. Sinto-me ridículo. Falta-me naturalidade... não tenho graça nenhuma. Queria que compreendesses que não posso..., entendes? que não posso...

Calou-se. Era a primeira vez que, por sua parte, o tratava por tu — e fizera-o sem dar por isso. Ficaram um momento a olhar-se, cara a cara; e nesse olhar se firmou enfim o pacto da sua amizade. Pedro voltou-se para os outros:

— O candidato alega que em virtude da sua extrema sensibilidade...

Tossiu, alteando a voz e tomando o tom enfático de sempre que se dirigia ao público: o tom das suas orações-charge. Em tais circunstâncias, as suas palavras eram tanto mais escolhidas, as suas expressões tanto mais pomposas, quanto o eram menos, chegando até à obscenidade e nunca dispensando o calão, na conversa familiar e corrente.

— O candidato alega que, em virtude da sua extrema sensibilidade e natural acanhamento ante o illustre auditório..., se sente comovido; isto é: incapaz de ter a mínima graça! Receando enfadar tão selecto auditório, e confiado na sua benevolência, pede desculpa do movimento